

Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA



JULHO . AGOSTO. SETEMBRO DE 1976

BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral

Propriedade do Secretariado Nacional de Liturgia
(Comissão Episcopal de Liturgia)

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Seminário de Aveiro
Telef.: 034 - 22172



Condições de assinatura anual:

Via Normal:

Continente, Ilhas e Espanha . 60\$00

Outros países 90\$00

Via Aérea:

Estrangeiro 120\$00

Número avulso 20\$00

2

Julho-Agosto-Setembro

1976

Abertura

Uma Igreja orante — *J. Ferreira*

«Liturgia das Horas» — *L. Ribeiro*

SITUAÇÕES PASTORAIS

A Hora do fim do dia — Vésperas — *Músicas de M. Faria*

Sugestões para valorizar o acto penitencial

O Salmo responsorial — *Músicas de M. Luís e J. Morais*

NOTICIÁRIO

II Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica

Encontro europeu de Liturgia

Entrevista com *A. Ramos*

Missal de Mateus

Enchiridion documentorum . . .

Composto e Impresso na «Gráfica de Coimbra»

Vai este número 2 do Boletim de Pastoral Litúrgica em grande parte consagrado à Liturgia das Horas. Espera-se que o Livro da Liturgia das Horas possa estar à venda no próximo mês de Outubro, e pareceu oportuno fixar a atenção nesta forma de celebração que é o Ofício divino. Não parecerá ela talvez, à primeira vista, de interesse para a maior parte das comunidades. Mas é a todas as comunidades cristãs (e a cada cristão) que a Igreja oferece o seu livro de oração. Seria de estranhar que o não considerássemos, o não olhássemos com carinho, e por ele não aprendêssemos a rezar com a Igreja e em Igreja.

Dois artigos — Uma Igreja orante — e — Liturgia das Horas — sublinham diversas perspectivas desta celebração, o primeiro, mais numa linha de reflexão, o segundo, mais como apresentação sobretudo das Horas principais do curso diurno, a do princípio e a do fim do dia, respectivamente Laudes e Vésperas.

Mas, para que a exposição não fosse só teórica, apresenta-se uma celebração completa, cantada, da Hora de Vésperas. O exemplo vai parecer a muitos desencorajante; mas, se se apresenta um certo tipo ideal, é para ajudar e não para dificultar. Mesmo a quem o não vá já utilizar todo por inteiro, serão certamente úteis alguns elementos aí apresentados.

Desejariamos que o Salmo responsorial continuasse a ser objecto de interesse por parte das comunidades: por isso se perfaz agora o conjunto dos Refrães e Salmos comuns. Deste

modo, há material para se poder cantar o salmo todos os Domingos. Algumas dessas melodias podem eventualmente servir para a Liturgia das Horas.

Do mesmo modo, continuam a apresentar-se elementos para o Acto penitencial.

Desejávamos dizer uma especial palavra de congratulação aos compositores das melodias, que assim vão dando uma contribuição importantíssima para a celebração litúrgica.

UMA IGREJA ORANTE

1. «Orai sem cessar»

Ao pensar-se em celebração litúrgica ocorrem imediatamente ao espírito, ao menos para quem tenha apanhado, ainda que sumariamente, a noção de Liturgia apresentada pelo concílio Vaticano II, «o sacrifício e os sacramentos, em volta dos quais gira toda a vida litúrgica» (SC 6). E, de facto, para a maior parte dos cristãos, a Liturgia limita-se à Missa e a alguns sacramentos, muitas vezes, de emergência (!).

No entanto, a *Liturgia das Horas*, ou seja, determinado ritmo de oração da comunidade cristã ligado a certos tempos e horas, foi sempre, para além da Missa e dos outros sacramentos, exigência do preceito evangélico, de que «é necessário orar sempre sem nunca se cansar» (*Lc* 18, 1; cf. *Mc* 13, 33), preceito que S. Paulo há-de incutir repetidas vezes (Cf. *Rom.* 12, 12; *Ef* 6, 18; *I Tess* 5, 17). A Igreja praticou-o desde o início: «Eram assíduos à fracção do pão (Eucaristia) e às orações» (*Act* 2, 42).

A maneira concreta de responder a esta exigência da consciência cristã tem e teve sempre maneiras diversas de se concretizar; mas sempre a Igreja, como comunidade, como povo de Deus, conheceu outras assembleias de oração, além da Eucaristia e dos outros sacramentos.

Hoje quase as não conhece. E não é normal! Até porque estas celebrações — arripia pensá-lo, mas acontecel — não são muitas vezes contadas entre os tempos de oração! O «dizer Missa» e o «administrar os sacramentos» já se vão substituindo por «celebrar a Eucaristia» e até por «celebrar os sacramentos»; mas nem por isso se pode ficar a crer que sempre se apanhe o sentido de oração, que é, em qualquer caso, o meio ambiente da celebração litúrgica, seja ela qual for.

É coisa absolutamente normal que a assembleia cristã seja convocada em determinados dias, ou mesmo todos os dias, e a certas horas

para a *oração*. A Regra de S. Bento, que pretende definir o mosteiro, como «escola do serviço do Senhor»⁽¹⁾, consagra ao Ofício divino, a que chama o «Opus Dei» (obra de Deus), cerca de 17 capítulos; e supõe que essa celebração comum do divino louvor é, apoiada na vida interior de cada um, a expressão fundamental da vida de oração da comunidade: «Nada se anteponha à Oração das Horas (ao «Opus Dei»)⁽²⁾. Sem pretender considerar-nos a todos como monges, é à assembleia da comunidade em oração que a Igreja nos convida, ao oferecer-nos, agora refundida segundo moldes ao mesmo tempo tradicionais e renovados, a *Liturgia das Horas*.

2. Oração para todo o povo de Deus

Vamos pôr de parte a ideia de que a Liturgia das Horas é a «oração dos padres» ou «dos religiosos e religiosas». Vamos criar a consciência de que orar é vocação de todos os cristãos, e de que o convite para a oração comunitária é dirigido a todos os membros do povo de Deus.

A história da Liturgia das Horas é longa e complexa; mas, se, nos últimos séculos, ela tem sido celebrada (e, grande parte das vezes, individualmente) só por clérigos e religiosos, isso aconteceu — podemos dizê-lo, encurtando razões — porque os outros fiéis desertaram da celebração, deixando-os a eles sozinhos com o livro nas mãos!...

É evidente que não vamos criar a ilusão de que, de agora em diante, se vai tocar o sino uma segunda vez por dia (a primeira foi para a Missa) e esperar que as pessoas voltem todas de novo à igreja. Mas pretende-se alguma coisa de muito concreto e definido. Pretende-se oferecer ao povo de Deus um tempo de oração comunitária, que seja um sinal da «Igreja orante». Claro que é preciso uma catequese; mas esta há-de fazer-se principalmente a partir da própria celebração.

Mas terá de ser algo de progressivo o ir descobrindo, à medida que se vai celebrando, a importância dos *tempos* (Páscoa, Natal, Quaresma, etc.) e dos *dias* (Domingos festas) e das *horas* (princípio e fim do dia), bem como o valor dos *textos* de oração (salmos, cânticos bíblicos, leituras, silêncio, preces), o sentido da oração de *louvor*, a serenidade dos momentos de *contemplação*, a *gratuidade* da acção de graças, a beleza de *cantar* juntos, o *ritmo* de toda a celebração.

(1) S. BENTO, *Regra*, *Prólogo*.

(2) *Ib.*, cap. 43.

3. A novidade da redescoberta

A celebração das Horas é, para a maior parte das pessoas, uma *novidade*. Mas estão a acontecer *outras novidades* no campo da Liturgia, e que vão sendo uma descoberta feliz, até quando o tema não se apresenta talvez tão «encantador» como o louvor das Horas do Ofício divino. Olhemos para as celebrações penitenciais não seguidas do sacramento: são praticamente uma novidade. No entanto, o novo Ritual exige-as como coisa normal. Elas devem entrar no programa habitual dos actos religiosos de uma comunidade cristã. E têm entrado. Vão entrando. E as pessoas procuram-nas, não por obrigação, mas por necessidade. E gostam. Descobriram uma necessidade. De modo semelhante, a celebração de certos sacramentos, até agora celebrados fora da Missa, têm vindo a articular-se com a Eucaristia, contribuindo assim para lhes descobrir um sentido novo. É que há mesmo coisas novas para descobrir! Será que a celebração dos sacramentos ou mesmo os temas penitenciais despertam mais interesse ou são melhor aceites porque deles se espera um como que «resultado prático», e na celebração das Horas o que está em causa é só a palavra do louvor gratuito, onde pouco se pede, parece que nada se recebe, apenas se dizem coisas cuja «relação com a vida» não aparece logo à primeira vista?...

Por certo que ninguém pretende dizer que o Senhor perdia tempo quando interrompia a azáfama da pregação para exclamar: «Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos...» (Mt 11, 25). Nem haverá quem pense que é supérfluo gastar tempo entretendo-se com os amigos, dizendo apenas amizade!

É preciso redescobrir o sentido da gratuidade!..., e considerar ganho aquilo que parece não ser ganhar!

4. Tempos e lugares de oração

Os tempos de oração são as *Horas*. Noutro lugar se diz quais.

O lugar é «onde dois ou três se reunirem em meu nome», como diz o Senhor (cf. Mt 18, 20).

Mas, «o carácter eclesial da celebração aparece-nos com toda a sua clareza... quando realizada com a presença do bispo, rodeado dos seus presbíteros e restantes ministros, por uma Igreja particular, 'na qual está presente e operante a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica'» (IGLH 20).

Mas também «as outras assembleias de fiéis, entre as quais há que destacar as paróquias como células da diocese, localmente constituídas sob a presidência de um pastor como substituto do bispo, e que 'de algum modo representam a Igreja universal estabelecida por toda a terra', celebrem as Horas principais, quanto possível, na igreja e em forma comunitária» (*ib.* 21).

«Aos religiosos de ambos os sexos não obrigados à celebração comunitária e aos membros de qualquer Instituto de perfeição, recomenda-se encarecidamente que se reunam em comum, ou entre si ou juntamente com o povo, para celebrar a Liturgia das Horas ou alguma parte da mesma» (*ib.* 26).

«Os grupos de leigos, onde quer que se encontrem reunidos, seja qual for o motivo destas reuniões..., são igualmente convidados a desempenhar esta função da Igreja, celebrando alguma parte da Liturgia das Horas...

Convém, finalmente, que a família, qual santuário doméstico da Igreja, não se contente com a oração feita em comum; mas, dentro das suas possibilidades, procure inserir-se mais intimamente na Igreja com a recitação de alguma parte da Liturgia das Horas» (*ib.* 27).

5. Da obrigação à devoção

A *Oração das Horas* tem estado um pouco em descrédito, digamos, tanto perante os fiéis, como até perante os clérigos. Os fiéis dos últimos séculos, porque quase a não conheceram; os clérigos, porque a têm considerado sobretudo como «obrigação».

Além disso, o Ofício divino tinha praticamente deixado de ser a «Oração das Horas», visto que o «Breviário» era considerado *um todo* ligado ao dia, e não um conjunto de *tempos de oração* distribuídos criteriosamente pelas diversas horas. O «Opus Dei» (o Ofício divino) tinha-se transformado simplesmente, prosaicamente, no «*onus diei*» (a carga do dia!). Só uma pequena história, oficial! Os antigos observavam tal jejum na Quaresma, que só comiam depois da hora de Vésperas, ao entardecer. Pois, os Breviários que vieram até nós chegaram a formular aquele princípio ascético da forma seguinte: Na Quaresma, «as Vésperas dizem-se antes da refeição», o que significou, na prática, que as Vésperas, Ofício do entardecer, se diziam oficialmente de manhã, antes do almoço! Era a prática corrente! Nem ascese, nem Liturgia.

O que de novo se pretende é, acima de tudo, oferecer à *comunidade cristã e a cada um dos seus membros* a possibilidade de tomar parte numa

oração que incarne, de maneira mais total, o eco que o mistério cristão deve acordar no coração de todo o crente em Jesus Cristo.

Daí que a Liturgia das Horas se agarre muito de perto à palavra de Deus, acompanhe *pari passu* todo o desenrolar do ano litúrgico, revivendo em cada um dos seus tempos, dias e horas, o mistério pascal de Jesus Cristo, e se ofereça à comunidade cristã em geral e a cada um dos seus membros — e a alguns de maneira especial, dada a sua função no meio dessa comunidade, como são os sacerdotes e certos religiosos — como a oração de Cristo, que, pelo Espírito, ora ao Pai, na Igreja.

Daqui ainda aquele carácter *objectivo*, típico da oração litúrgica, que lança o cristão na contemplação da obra de Deus, mais do que o centra em si mesmo, num perigoso e guloso culto do homem.

Mas tudo isto sem deixar de ser profundamente humana, porque a Oração das Horas é oração do homem que vive no tempo, e porque sobretudo celebra aquela «obra divina», coração da oração cristã, que se revela num homem, «o homem Jesus Cristo» (I Tim 2, 5).

J. FERREIRA

«Liturgia das Horas»

1. «Liturgia» e «Breviário»

Se as palavras significam alguma coisa, a grande renovação vem já indicada na mudança de vocabulário. De ora em diante não se falará mais de *Breviário*, mas de *Liturgia das Horas*.

De facto, *breviário* designa um livro «abreviado» e não uma liturgia e, como observa Roguet⁽¹⁾, nunca se disse que o sacerdote celebrasse o missal; deveria ser igualmente estranho dizer que ele recita o breviário. Depois, «breviário» designa um resumo de um ou mais livros sem especificar de que livros se trata. Nos catálogos de manuscritos encontramos toda a espécie de *Breviaria* ⁽²⁾.

Uma expressão mais nobre é a de «Ofício divino», empregada também pela Constituição sobre a Sagrada Liturgia. Mas trata-se de um termo genérico que engloba também a Eucaristia.

Sem abandonar outras expressões tradicionais ⁽³⁾, a *Institutio* fala preferentemente de «Liturgia das Horas» e o livro em que ela vem proposta é o «Livro da Liturgia das Horas». É esta a característica fundamental do Ofício, tal como o Concílio o quis restaurar:

«O divino ofício, segundo a tradição cristã, é ordenado a santificar todo o curso do dia e da noite por meio do louvor divino» (SC 84; IGLH 10).

⁽¹⁾ A. M. ROGUET, *Comentário sobre a Liturgia das Horas*, Ed. Vozes, Petrópolis 1971, p. 29.

⁽²⁾ Cfr. A. G. MARTIMORT, *La «Instructio generalis» e la nuova «Liturgia Horarum»*, in: *Liturgia delle Ore*, LDC, Torino-Leuman 1972, p. 107.

⁽³⁾ *Ibidem*.

Vemos assim que a mudança de nome evidencia já a mudança de mentalidade a que são chamados aqueles que hão-de celebrar esta liturgia. A razão principal da Liturgia das Horas é a *santificação do tempo* pela recitação das Horas segundo as diferentes fases do dia.

Pode a expressão parecer um pouco estranha, dando a impressão de uma obrigação legal de orar em determinados «tempos sagrados». De facto, toda a oração «em espírito e verdade» é aceite por Deus em todos os tempos e lugares. Mas, se para o cristão não há propriamente um «tempo sagrado», a vida da Igreja, expressa na liturgia, desenrola-se num «tempo histórico» santificado pela encarnação do Filho de Deus ⁽⁴⁾.

Os evangelhos e os escritos apostólicos não fixam horas para a oração, porque o ideal é a oração contínua (cfr. *Lc* 18, 1; *1 Tes* 5, 17). A acção cultural de Cristo prolonga-se no tempo da Igreja «que não cessa de orar e de nos exortar a oferecer continuamente a Deus o sacrifício de louvor» (*Heb* 13, 15; IGLH 10). Este ideal abstracto arrisca-se, porém, a permanecer letra morta, se não é sustido por horas de oração mais intensa, em que o contínuo sacrifício de louvor é, por assim dizer, sacramentalizado.

Uma outra dimensão essencial à Liturgia das Horas é o seu carácter comunitário. Enquanto o breviário aparecia como uma coisa própria dos sacerdotes e daqueles que tinham recebido uma expressa deputação ⁽⁵⁾, a Liturgia das Horas parte de uma noção diversa da oração da Igreja: a Liturgia das Horas é antes de mais comunitária e comum a toda a Igreja. A enumeração daqueles que celebram a Liturgia das Horas apresenta antes de mais as celebrações comunitárias e só depois trata de cada pessoa. E mesmo rezando sozinho, o cristão reencontra-se assim em comunhão com os irmãos e sabe que a sua oração é verdadeiramente oração da Igreja. A Liturgia das Horas convida a reunir-se juntamente e é oferecida a todos os grupos e a cada baptizado que compreenderão esta liturgia como participação numa obra da Igreja ⁽⁶⁾.

2. Oração «das Horas»

A vida não pode desenrolar-se toda ela numa assembleia permanente de oração, numa oração litúrgica contínua. Assim, desde os primeiros

⁽⁴⁾ Cfr. M. ELIADE, *Le sacré et le profane*, Paris, 1965, p. 63.

⁽⁵⁾ Cfr. A. G. MARTIMORT, *art. cit.*, p. 112.

⁽⁶⁾ *Ibidem*.

séculos, a Igreja procurou ligar a sua oração aos momentos fundamentais do dia com a intenção de abraçar na oração a totalidade do tempo.

Não foi sempre uniforme o número de Horas a serem celebradas, mas a intenção da Igreja foi idêntica: realizar essa continuidade de oração de que as Horas são os tempos fortes e privilegiados (cfr. SC 84). O objectivo específico da Liturgia das Horas é, pois, a santificação das articulações do tempo, marcadas pela rotação dos astros e pelos ritmos da vida humana.

Esta união entre a oração e os ritmos do tempo (?) dá uma marca decisiva a todo o dia. Não se trata só de atender à dimensão cósmica do tempo, mas sobretudo à sua dimensão humana e existencial. Apanhando as horas do dia, a Liturgia das Horas apanha alguns momentos característicos do nosso viver quotidiano. Por outro lado, a tonalidade própria da hora reflecte a sua luz sobre a oração, conferindo-lhe o seu valor cósmico e o seu encanto natural⁽⁸⁾. Neste sentido a estrutura da Liturgia das Horas teve que ser reformada, a fim de repor cada uma das Horas, tanto quanto possível, no seu tempo verdadeiro, tendo em conta o condicionalismo da vida moderna (cfr. SC 88; IGLH 11).

A *Constituição sobre a Sagrada Liturgia* refere-se ao «ciclo tradicional das Horas», tradição quase totalmente esquecida nos últimos séculos, e procura encontrar de novo a verdade das Horas. Menos numerosas e menos onerosas, como diz Roguet⁽⁹⁾, as Horas são revalorizadas e podem novamente encontrar todo o seu sentido encontrando a verdade do tempo, sem exigir a cada momento um esforço excessivo.

É claro que, mesmo assim, a oração das Horas tem de haver-se com a trama concreta dos empenhamentos e ocupações da vida moderna. Mas, no actual ordenamento, a conciliação não parece difícil, pois os momentos de oração são, de sua natureza, os mais aptos a uma pausa orante⁽¹⁰⁾. O que importa finalmente é salvaguardar este valor que é a oração, inserindo-a no novo contexto da vida presente. Sem se

(?) Cfr. M. MAGRASSI, *La spiritualità dell'Ufficio divino*, in: *Liturgia delle Ore*, LDC, Torino-Leuman 1972, p. 395; ver também a III parte do artigo citado — *L'Ufficio nel ritmo dell'esistenza quotidiana*, pp. 393-404; ver ainda para o tempo antigo, F. ROUILLARD, *Temps et rythmes de la prière dans le monachisme ancien*, in: LMD 64 (1960) 32-52.

(8) *Ibidem*.

(9) A. M. ROGUET, *obra citada*, p. 34.

(10) Cfr. J. LECLERCQ, *Prières des heures et civilisation contemporaine*, in: LMD 105 (1971) 34-35.

escravizar às «horas» pode desejar-se que certos «tempos» mais característicos do dia sejam consagrados a uma oração que revista um carácter eclesial mais explícito.

É natural que até as Congregações activas a quem tinha sido concedido o privilégio de «pequenos ofícios», considerados agora como «litúrgicos», e alguns leigos prefiram celebrar a Liturgia das Horas, agora que ela está «mais leve». Mesmo que não se digam todas as Horas realiza-se uma verdadeira acção litúrgica, isto é, pode-se estar certo de orar a oração da Igreja em união com todos os seus membros ⁽¹¹⁾.

3. Laudes e Vésperas, oração do princípio e do fim do dia

Segundo tradição da Igreja universal, o ofício de Laudes, como oração da manhã, e o ofício de Vésperas, como oração da tarde, constituem os dois polos do ofício e são as suas horas mais importantes (cfr. SC 89. 100; IGLH 37).

Esta tradição vem já do costume judaico de orar: recitação do «Shemá» e outras orações que coincidem com a oferta dos sacrifícios da manhã e da tarde. Encontramos também no Novo Testamento algumas referências a estas horas, mas será principalmente nos Padres da Igreja que reaparecerá uma concepção de oração como sacrifício espiritual em substituição dos antigos holocaustos.

A *Didakhê* (séc. II) ordena a recitação do *Pai nosso* três vezes ao dia e, embora não conste quais eram esses três momentos, é fora de dúvida que se refere à manhã, ao meio-dia e ao entardecer ⁽¹²⁾. A *Carta de Clemente romano aos Coríntios* fala já de «horas estabelecidas», atribuindo um sentido cristão principalmente ao entardecer e ao ressurgir do novo dia ⁽¹³⁾. Tertuliano designa as orações da manhã e da tarde como *legitimae orationes* ao lado das *orationes communes*, o que supõe já uma prática regular da comunidade cristã ⁽¹⁴⁾. A *Tradição Apostólica* de Hipólito conhece as duas horas *legítimas* de Tertuliano como orações eclesiais: o lucernário, unido ao ágape, que se constituirá em ofício vespertino, e a sinaxe matutina, reunião de instrução e de oração. Estas orações, todavia, ainda não são quotidianas e as demais horas de oração têm carácter privado. Pode contudo pensar-se que as orações parti-

⁽¹¹⁾ A. M. ROGUET, obra citada, p. 34.

⁽¹²⁾ Cfr. J. P. AUDET, *La Didaché, instructions des apôtres*, Paris 1958, p. 234.

⁽¹³⁾ CLEMENTE ROMANO, *Carta aos Coríntios*, cap. XL, Ed. Paulistas, Lisboa 1960, pp. 162-163.

⁽¹⁴⁾ *De oratione*, 25: PL 1, 1300-1301.

culares ao deitar e ao levantar constituíam uma substituição ordinária das duas horas principais e eclesiais de oração ⁽¹⁵⁾. No século IV, Eusébio e Hilário equiparam já plenamente os dois ofícios eclesiais da tarde e da manhã, dando-lhes sem restrição um sentido festivo ⁽¹⁶⁾.

O nome completo que hoje é dado às Laudes é «laudes (louvores) da manhã», qualificativo que a certa altura se ligara indevidamente aos «nocturnos» ou «vigília» conhecidos por «matinas», e que hoje se chamam mais propriamente «ofício de leitura». Na antiguidade, o ofício da aurora, celebrado ao romper do dia, era chamado *solemnitas matutina*, *laudes matutinae*, *agenda matutina*, *matutini (psalmi)* ⁽¹⁷⁾.

Trata-se, sem dúvida, da oração da manhã, o que vem expresso por muitos dos seus elementos e pela hora do dia a que é celebrada. A renovação da luz em cada manhã é uma alegria para os olhos e para o espírito; depois do sono, é um convite a nova vida. A partir desta evocação, o pensamento eleva-se ao autor da luz, fazendo subir para Ele a adoração e o louvor. O encanto da alva parece renovar o prodígio da criação e a luz fulgurante do dia, para o cristão, fala de um modo irresistível de Deus, Luz sem sombras ⁽¹⁸⁾.

O aproximar-se da noite, envolta nas trevas, assume também para o cristão uma transparência religiosa. Também na escuridão o amor divino continua a vigiar sobre nós, por isso «exulto de alegria à sombra das tuas asas» (Sl 63).

Reflexões como estas, tão familiares aos antigos, parecem agora tão longe da nossa psicologia. O facto é que o ritmo da vida moderna quebrou em grande parte a solidariedade do homem com os ritmos do universo e o contacto vital com a natureza. É um facto, mas, como diz M. Magrassi ⁽¹⁹⁾, constitui um empobrecimento.

⁽¹⁵⁾ B. BOTTE, *La tradition apostolique de S. Hippolyte* — Liturgiewissenschaftliche Quellen und Forschungen 39, Münster West. 1963, pp. 88-97. Cfr. B. BOTTE, *Les heures de prière dans la «Tradition Apostolique» et les documents dérivés*, in: CASSIEN MONS. — BOTTE B., *La Prière des heures*, Ed. du Cerf (Lex Orandi) Paris 1963, pp. 111-115.

⁽¹⁶⁾ Cfr. *In Ps.* 64: PG 23, 639; *In Ps.* 64: PL 9, 420, cit. por J. PINELL, *El numero sagrado de las horas de oficio* separata de: *Miscellanea Liturgica in onore di Sua Eminenza il Cardinale Giacomo Lercaro*, Vol. II, Desclé & C.^a Editori Pontifici, Roma-Paris-Tournai-New York, 1967, pp. 929-930.

⁽¹⁷⁾ Cfr. P. SALMON, *A oração das horas*, in: «A Igreja em oração» de A. G. MARTIMORT, Singeverga 1965, p. 911.

⁽¹⁸⁾ Cfr. M. MAGRASSI, *art. cit.*, p. 395; J. PINELL, *art. cit.*, p. 993.

⁽¹⁹⁾ Cfr. M. MAGRASSI, *art. cit.*, pp. 395-397.

No entanto, as Horas do Ofício não dizem só relação com os ritmos da natureza; elas estão sobretudo em conexão com o Mistério de Cristo. Desde o momento em que a salvação se fez «história», os seus momentos encontram-se ligados às articulações do tempo. O Mistério de Cristo encontra-se ligado ao ritmo do ano (nas celebrações do ano litúrgico) e aos momentos do dia (nas várias Horas do Ofício).

Assim o viram também os Padres da Igreja. Se a oração da manhã e da tarde constituíam o sacrifício de louvor na continuação dos antigos holocaustos, elas constituíam principalmente uma memória da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo e sua actualização no tempo da Igreja. Desde muito cedo a oração da manhã e da tarde adquirem este sentido pascal:

«Reparemos, irmãos, que em todo o tempo se celebra a ressurreição. Tanto o dia como a noite nos apresentam a ressurreição: cai a noite, ressurge o dia; vai-se o dia, sobrevém a noite e assim sucessivamente» ⁽²⁰⁾.

Cipriano (séc. III), ao tratar do sentido das Horas, refere-se implicitamente a Clemente Romano e explica o sentido do ofício vespertino por meio da imagem de Cristo, Sol indeclinável:

«... de manhã deve orar-se para celebrar, com a oração matutina, a ressurreição do Senhor... Ao pôr do sol, no fim do dia, deve orar-se de novo. Pois, sendo Cristo o sol verdadeiro e o dia verdadeiro, ao declinar o sol e o dia deste mundo, oramos e pedimos que sobre nós venha de novo a luz, pedimos a vinda de Cristo que nos há-de trazer a luz eterna...» ⁽²¹⁾.

A explicação das Horas diurnas pela memória que representam dos vários momentos da Paixão do Senhor é característica principalmente da *Tradição Apostólica*:

«Cristo, vertendo do seu lado água e sangue e iluminando o resto do dia, estendeu-o até à tarde» ⁽²²⁾.

Encontramos ainda uma explícita substituição dos antigos holocaustos pelas orações eclesiais da manhã e da tarde e a interpretação

⁽²⁰⁾ CLEMENTE ROMANO, obra citada, cap. XXIV, p. 148.

⁽²¹⁾ *De oratione dominica*: PL 4, 560, cit. por J. PINELL, art. cit., p. 907.

⁽²²⁾ B. BOTTE, *La Tradition Apostolique de Saint Hippolyte*, citada, p. 92.

do ofício vespertino como memória da morte do Senhor, em João Cassiano:

«... num sentido mais sagrado, pode ainda entender-se quer daquele verdadeiro sacrifício vespertino que o nosso Salvador confiou aos apóstolos na última ceia, ao inaugurar os sacrossantos mistérios da Igreja, quer daquele outro sacrifício vespertino que, no dia seguinte, isto é, no fim dos tempos, Ele ofereceu ao Pai, erguendo as mãos para a salvação do mundo inteiro» (23).

O morrer da luz evoca a morte de Cristo, o sacrifício de Cristo acontecido não só à hora vespertina, mas também «na tarde do mundo». Entretanto a oração vespertina tem um sentido pascal pleno e indivisível, constituindo de algum modo memória da morte e da ressurreição do Senhor. A glória de Cristo aparece signicada não só na luz da manhã mas também na luz da lâmpada, «Luz admirável da santa glória». Além disso, o dia morre para renascer e trazer uma nova luz, símbolo do retorno de Cristo, da sua segunda vinda, que nos introduzirá na glória. As Vésperas tornam-se assim uma vigília à espera da ressurreição, assumindo o Mistério pascal na unidade das duas fases: morte-vida (24).

Fundamentada nesta teologia, a *Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas* diz textualmente:

«Dar-se-á, portanto, a estas duas Horas, de Laudes e Vésperas, a máxima importância como oração da comunidade cristã. Promover-se-á a sua celebração pública e comunitária, principalmente entre as pessoas que vivem em comunidade. Recomenda-se mesmo a sua recitação a todos os fiéis que não possam tomar parte na celebração comunitária» (n. 40).

Todos os fiéis são portanto convidados à celebração destas Horas. São elas que devem ser mais participadas, celebradas mais solenemente e, se possível, cantadas. Caso não possam ser ditas todas as Horas, é a estas que se deve dar preferência. Para uma mais fácil participação de todos os fiéis, teve-se o cuidado de as tornar o mais possível populares, evitando atribuir-lhes salmos muito difíceis e nelas colocando as

(23) *De Institutis Coenobiorum* 3, 3, Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum 17, Ed. M. PETSCHENIG, Viena 1888, pp. 37-38.

(24) Cfr. M. MAGRASSI, *art. cit.*, p. 398.

«preces» e a recitação comum do *Pai nosso*. E, como o *Pai nosso* também se reza durante a Missa, voltámos ao costume de que já nos fala a *Didakhê*, de rezar o *Pai nosso* três vezes ao dia.

A Liturgia das Horas é um tesouro aberto a todo o povo de Deus que se espera venha a ser apreciado e utilizado em vista a dar frutos de vida cristã e eclesial. Uma das características da Igreja é ser uma comunidade orante, o que transparece principalmente quando a comunidade local se reúne para celebrar a Eucaristia e as Horas. Hoje as condições de vida são diferentes das do passado, mas seria enriquecedor para as comunidades cristãs que, ao menos aos domingos, se restaurasse a antiga tradição eclesial. Há comunidades que já começaram, pelo menos com o ofício de Vésperas, e os resultados são positivos.

A Liturgia das Horas será assim o complemento da oblação do sacrifício de Cristo realizada pela Igreja na celebração eucarística, pois também por meio do Ofício divino se actua o Mistério pascal. Pela Liturgia das Horas temos ocasião de participar todos os dias na oração de Cristo. Na verdade, a oração da Igreja deriva da oração de Cristo, e a oração de Cristo informa a oração da Igreja.

L. RIBEIRO

A «Hora» do fim do dia

VÉSPERAS

Dado que grande parte deste número é consagrado à Liturgia das Horas, pareceu oportuno oferecer aqui aos nossos estimados leitores um exemplo de uma Hora cantada.

Escolheu-se a Hora de Vésperas, porque se pensou que será talvez aquela que tenha mais ocasião de ser celebrada, particularmente em encontros que sempre se multiplicam durante o verão.

Escolheram-se as Vésperas que vêm propostas para o III Domingo, por conterem salmos mais acessíveis dentro dos que pareceram mais oportunos:

- o *Salmo* 109 (110) não é certamente dos mais fáceis, mas ele é constante como primeiro salmo das Vésperas do Domingo e das festas. Isto faz pensar na importância que a tradição da Igreja lhe atribue; e, mais do que eliminá-lo, pareceu melhor propô-lo até como ponto de partida de uma catequese. É «o salmo mais citado no Novo Testamento, que o interpreta num sentido messiânico e o aplica à exaltação de Cristo glorioso à direita do Pai» (Osty);
- o *Salmo* 110 (111) é um «hino ao poder de Deus e à sua bondade para com o seu povo» (Osty);
- o *cântico do Apocalipse* (19) é um cântico verdadeiramente dominical, grande aclamação pela vitória do nosso Deus, revelada no mistério pascal de Jesus.

A *leitura* pode ser escolhida conforme as circunstâncias o indicarem; mas, em princípio, a Liturgia das Horas é uma *celebração laudativa*; as leituras são, de preferência, breves, (excepto na «Hora da Leitura», expressamente construída para tal), incisivas, como que rápido aflorar de um pensamento capaz de suscitar uma atitude de louvor.

A leitura pode ser seguida de uma breve *homilia* (IGLH 47).

O *tempo de oração* pode adquirir muita densidade, e deve ter em atenção as circunstâncias concretas da assembleia.

O *silêncio* é igualmente elemento a ter em conta, possivelmente depois da leitura ou homilia ou ainda depois dos salmos ou nas preces, antes do *Pai nosso*.

Propõe-se o *canto*, como forma mais capaz de exprimir o louvor, e de criar um ambiente de contemplação. Para isso, é necessário conhecer bem as melodias.

Se não for fácil que todas as pessoas tenham o texto na mão ou o não souberem manejar, pode *um* ou, de preferência, *dois solistas* cantarem os versículos e toda a assembleia responder com a antífona (refrão), depois de cada estrofe, ou de cada dois (ou mais) versículos. As melodias apresentadas respeitam sempre as *estrofes*, o que é importante para entender bem a estrutura literária do salmo ou cântico.

Mas nada obriga a que seja *tudo* cantado.

Tanto quanto possível, que a assembleia se coloque frente a frente.

Durante o *cântico do Evangelho* (*Magnificat*) pode incensar-se o altar, o sacerdote e a assembleia; é um gesto que pode ajudar a imprimir certo movimento, ao mesmo tempo que traduz de maneira visível a atitude interior de oração em união com o sacrifício vespertino que o Senhor ofereceu sobre a Cruz e que a comunidade cristã renova no altar e prolonga no cântico «eucarístico» do *Magnificat*.

1. Introdução

Música de M. Faria

The musical score is written on four staves, each with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The lyrics are in Portuguese and correspond to the beginning of the Magnificat. The first staff contains the lyrics "Deus, nim-de-us, nos so au xi. lia." The second staff contains "Se-nhor, so-cor-rai-nos e sal-va-i-nos." The third staff contains "Glo-ri-a ao Pai e ao Fi-lho e ao Es-pi-ri-to San-to." The fourth staff contains "Co-mo e-ra no prin-ci-pio, a go-ras e sem-pre men-tal-le-lu-a!"

Deus, nim-de-us, nos so au xi. lia.

Se-nhor, so-cor-rai-nos e sal-va-i-nos.

Glo-ri-a ao Pai e ao Fi-lho e ao Es-pi-ri-to San-to.

Co-mo e-ra no prin-ci-pio, a go-ras e sem-pre men-tal-le-lu-a!

2. **Hino** (à escolha)

3. **Salmodia**

Antífona 1



Salmo 109



Disse o Senhor ao **meu** Senhor: "Senta-te à **minha** direita,
até que Eu faça de teus **inimigos** escabelo **de** teus pés.
O Senhor estenderá **de** Sião o ceptro do **teu** poder
e tu dominarás no meio dos teus inimigos.

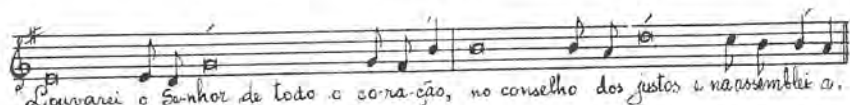
A ti pertence a realeza
desde o dia em **que** nasceste
nos esplendores da **santidade**:
antes da aurora, como orvalho, Eu **te** gerei». **O Senhor** jurou e não Se **arrependerá**:
«Tu és sacerdote para **sempre**,
segundo a ordem de Melquisedec».

O Senhor, à tua direita,
esmagará os reis no dia da **sua** ira.
A caminho, beberá da **torrente**,
por isso, erguerá a **sua** frente.

Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo.
Como era no princípio,
agora e **sempre**. Amen.



Salmo 110



Louvarei ao *Senhor* de todo o coração,
no conselhos *dos justos* e *na assembleia*.
Grandes são *as* obras do *Senhor*,
admiráveis para os que nelas meditam.

A sua obra é *esplendor* e *majestade*
e a sua *justiça* permanece *eternamente*.
Instituiu um memorial das suas maravilhas
o *Senhor* misericordioso e *compassivo*.

Deu sustento *àqueles* que *O* temem
e jamais Se esquecerá da sua *aliança*.
Fez ver ao *seu* povo a força das suas obras
para lhe dar a *herança das nações*.

Fiéis e justas são as obras das suas *mãos*,
imutáveis todos os *seus* preceitos,
irrevogáveis pelos séculos *dos séculos*,
estabelecidos na rectidão e *na verdade*.

Enviou a redenção ao *seu* povo,
firmou com ele uma *liança eterna*:
santo e venerável é o seu nome.
O temor do *Senhor*
é o princípio da sabedoria,
são prudentes todos os que a *praticam*.
O louvor do *Senhor* permanece *eternamente*.

Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo.
Como era no princípio,
agora e sempre. Amen.

Cântico (Ap 19, 1-7)



Aleluia.

A salvação a glória e o poder ao *nosso Deus*,

R. Aleluia.

porque são verdadeiros e justos os seus *juízos*.

R. Aleluia Aleluia.

Aleluia.

Louvai o Senhor nosso Deus, todos *os* seus *servos*,

R. Aleluia.

e vós todos os que O temeis, *pequenos e grandes*,

R. Aleluia Aleluia.

R. Aleluia.

O Senhor Deus onipotente reina em *toda* a *terra*;

R. Aleluia.

Exultemos de alegria e demos glória *ao* seu *nome*.

R. Aleluia Aleluia.

Aleluia.

Chegaram as núpcias *do Cordeiro*,

R. Aleluia.

e a sua Esposa está *preparada*.

R. Aleluia Aleluia.

4. **Leitura (à escolha)**

5. **Responsório breve**

V. Ben-di-to se-jais, Se-nhor, no fir-ma-men-to dos céus!
R. Ben-di-to se-jais, Se-nhor, na fix-ma-men-to dos céus!
V. A Vós louvor e glória
R. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espí-

V. ta-ra sem pre. *R.* No firmamento.
R. ui-to San-to. *R.* Bendito.

6. **Cântico do Evangelho: «Magnificat» (Lc 1, 46-55)**

Antífona

Se-nhor fez em mim ma-ra-vi-lhas san-to é o seu no-me!

Cântico

A minha alma glo-ri-fi-ca ao Senhor, e o meu espírito se-alegra em Deus meu salva-dor

A minha alma glorifica ao Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada
todas as nações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.

O seu amor se estende de geração em geração
sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder do seu braço,
e dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos do seu trono
e exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo,
Como era no princípio,
agora e sempre. Amen.

7. Preces

Invoquemos a Deus nosso Pai, que admiravelmente criou o mundo e de modo ainda mais admirável o redimiu, e sempre o renova no seu amor. E digamos com alegre confiança:

R. — Renovai, Senhor, as maravilhas do vosso amor.

Nós Vos damos graças, Senhor, porque revelais o vosso poder nas maravilhas do universo,
— e nos acontecimentos do mundo manifestais a vossa providência. R.

Por Jesus Cristo, vosso Filho, que no triunfo da Cruz anunciou a paz ao mundo,
— livrai-nos do desespero e do temor. R.

A todos quantos amam a justiça e por ela trabalham,
— ajudai-os a colaborar, com sinceridade e concórdia, na edificação de um mundo melhor. R.

Socorrei os oprimidos, libertai os presos, consolai os aflitos, dai pão aos famintos, fortalecei os fracos,
— para que em todos se manifeste o triunfo da Cruz. R.

Vós que ressuscitastes gloriosamente a Cristo, vosso Filho,
— fazei que os nossos defuntos cheguem também à plenitude da vida. R.

(Outras intenções à escolha)

Pai nosso...

(Oração do dia)

8. Conclusão

(Na celebração comunitária, presidida por um sacerdote ou diácono, este despede o povo, dizendo:)

O Senhor esteja convosco.

Ele está no meio de nós.

Abençoe-vos Deus todo-poderoso,

Pai, Filho e Espírito Santo.

R. Amen.

(Na recitação individual, ou quando a celebração não é presidida por um sacerdote ou diácono:)

O Senhor nos abençoe, nos livre de todo o mal
e nos conduza à vida eterna.

R. Amen.

Sugestões para valorizar o acto penitencial

Nota. As invocações que se seguem pedem naturalmente que o presidente da assembleia, ao saudar os fiéis, faça uma breve introdução a toda a celebração, com alusão rápida às ideias sobre que fará incidir a oração e reflexão e que vão constituir como que o fio condutor da celebração. Dada a sua extensão, pedem também estas invocações uma resposta cantada.

18.º Domingo comum

1. Senhor! Tal como o povo eleito, no deserto, somos incessantemente acometidos da tentação de murmurar contra Vós. Olhai com misericórdia para as nossas fraquezas, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Chamados a renovar-nos no mais íntimo do nosso coração, sofremos continuamente das saudades do homem velho e deixamo-nos corromper por desejos enganadores. Olhai com misericórdia para as nossas fraquezas, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Tal como a multidão que Vos procurou na outra margem do lago, depois da multiplicação dos pães, nós recorremos continuamente a Vós à busca do pão do estômago, e abandonamos o Pão que dá a vida eterna. Olhai com misericórdia para as nossas fraquezas, e tende piedade de nós.

19.º Domingo comum

1. Senhor! Mais do que o grande Profeta Elias, nós somos homens fracos, e algumas vezes, cansados de lutar, teremos pedido

à morte que caia sobre nós. Vós, que sois a fonte da Vida, dai-nos coragem, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Ensinastes-nos a amar os nossos inimigos, e a esperar o perdão do Pai, em troca do perdão que oferecemos aos nossos irmãos. Vós, que sois a fonte do amor, dai-nos coragem, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Vós revelastes um dos maiores mistérios da salvação quando proclamastes que ninguém pode vir a Vós se o Pai, que Vos enviou, o não atrair. Vós, que sois a fonte da misericórdia, dai-nos coragem, e tende piedade de nós.

20.º Domingo comum — Assunção de Nossa Senhora

1. Senhor! Nesta solenidade da Assunção de Maria ao Céu, revive em nossos corações a grande promessa de salvação que nos vem de Vós, por Maria, desde o primeiríssimo pecado de nossos primeiros pais. Avivai em nós a confiança em Maria, a Mãe do Salvador, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Nestes tempos em que resfria no coração dos filhos o amor para com suas mães, como é belo acreditar que Vós mesmo reservastes, para Aquela que Vos gerou, a delicadeza máxima que poderíeis testemunhar-Lhe. Avivai em nós o amor para com as nossas mães da terra, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Meditando na Assunção de Maria, somos levados à contemplação da glória que reservais àqueles que, como Ela, viverem na submissão filial à vossa vontade. Avivai em nós o desejo de contemplar-Vos face a face, e tende piedade de nós.

21.º Domingo comum

1. Senhor! Tal como o povo que libertastes das mãos dos Egípcios, nós Vos devemos a liberdade dos filhos de Deus. E apesar disso, ameaça-nos a tentação de nos voltarmos para os deuses dos pagãos, que são hoje o prazer e o dinheiro. Converti-nos, Senhor, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Vós sois o Chefe da Igreja, o seu Salvador, Aquele que nos conduz a caminho do Pai, e pelo preço do vosso próprio Sangue. E entretanto, nós, que somos ingratos e grosseiros, a todo o

momento sentimos a tentação de Vos abandonar. Converti-nos, Senhor, e tende piedade de nós.

3. Senhor! As palavras duras que as multidões não puderam suportar, são a verdade dura de quem não aprende dos homens, mas revela aos homens os mistérios de Deus. E entretanto, apegados como estamos aos nossos pecados, nós vamos preferindo viver às cegas, mas viver na nossa própria «verdade». Converti-nos, Senhor, e tende piedade de nós.

22.º Domingo comum

1. Senhor! Pelos mandamentos que promulgastes no Sinai, Vós acendestes um prodigioso clarão na alma do vosso povo. Nestes tempos em que tudo se discute e em nada se tem certeza, os vossos fiéis sentem dificuldade em ver nos vossos preceitos a luz dos seus caminhos. Iluminai-nos, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Pela palavra de Tiago, sabemos que a religião pura e sem mancha consiste em visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações. E nós hoje, passando o tempo a discutir sobre as transformações das estruturas, deixamos arrefecer o coração, e perdemos o momento presente, e perdemos a própria fé. Iluminai-nos, tende piedade de nós.

3. Do povo eleito profetizou Isaías que Vos honrava com os lábios, mas o seu coração estava longe de Vós. E nós hoje, para não sermos acusados de incoerência, deixamos de rezar com os lábios e nem por isso se aproxima de Vós o nosso coração. Iluminai-nos, e tende piedade de nós.

23.º Domingo comum

1. Senhor! A confiança na vossa promessa arrancou do coração de Isaías a mais bela profecia sobre esse reino messiânico em que os cegos vêem, os coxos andam, e as águas brotam dos desertos. Nos tempos áridos que vivemos, há indícios de que os homens sentem de novo a sede da salvação. Vinde em nosso auxílio, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Vós fizestes tudo admiravelmente e fundastes na Terra o Reino de Deus. Mas nós continuamos a penar sequiosamente, incapazes de atinar com as fontes de água viva que jorram do vosso Coração. Vinde em nosso auxílio, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Bem nos advertiu o Apóstolo Tiago que traíramos a nossa fé se a hipotecássemos na preferência por certas pessoas. E entretanto, os pobres, os incultos e os fracos continuam marginalizados, não só no nosso mundo, como até na nossa Igreja e na nossa família. Vinde em nosso auxílio, e tende piedade de nós.

24.º Domingo comum

1. Senhor! Hoje, como ontem, o vosso Nome é esquecido e ultrajado pelos homens ingratos que ditam aos crentes o tom geral de uma sociedade caída no ateísmo. Enviai-nos profetas que se não envergonhem de Vos confessar publicamente, mesmo à custa de insultos e perseguições. Estai connosco, Senhor, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Nestes tempos de actividade febril, trava-se em cada um de nós uma batalha dura entre as palavras fáceis que nada resolvem a longo prazo e as obras difíceis, que são a prova verdadeira do amor que vem da fé. Estai connosco, Senhor, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Que estranho terdes de chamar aparte os vossos Apóstolos para lhes revelardes, no silêncio, a misteriosa necessidade da Cruz. Mas nós não somos nem mais fortes nem mais generosos que os Doze. Estai connosco, Senhor, e tende piedade de nós.

25.º Domingo comum

1. Senhor! Somos nós esse ímpio agressivo que o livro da Sabedoria nos descreve a murmurar, a contestar, a criar grupínhos, a sabotar a acção da Igreja, que acusamos de infidelidade, esquecendo-nos de que os infieis somos nós. Apagai, Senhor, o nosso pecado, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Arde o mundo em conflitos, e ardemos todos em acusações ao nosso próximo, como se a guerra não nascesse também de nós, das nossas próprias paixões, dos nossos ciúmes, das nossas cobiças. Apagai o nosso pecado, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Avessos como somos ao sacrifício, quantas vezes damos connosco a planear projectos de vitória sobre os nossos adversários, em lugar de nos dispormos generosamente a tomarmos con-Vosco a nossa cruz, fazendo-nos servos dos nossos irmãos. Apagai o nosso pecado, e tende piedade de nós.

26.º Domingo comum

1. Senhor! Nós acreditamos que todo o dom perfeito vem de Vós. E apesar disso, ciumentos de nossas pequenas glórias, escondemos dos outros o espírito que nos destes, com medo de que também eles ponham os seus talentos a render e brilhem diante dos homens com o fulgor da vossa luz. Perdoai a nossa mesquinhez, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Muito sensíveis ao direito de propriedade, nem sempre nos é fácil compreender que o pão das nossas searas e os produtos das nossas fábricas são uma graça que concedeis a todos os homens. Fazei-nos prestar ouvidos aos brados dos trabalhadores que clamam até Vós, perdoai a nossa mesquinhez, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Dividem-se hoje os cristãos entre ideologias que parecem irreconciliáveis, e reina a desorientação entre aqueles que professam o vosso Nome, porque algumas vezes o bem nasce no coração dos que defendem o erro, e nem sempre os que buscam a vossa verdade praticam o bem. Perdoai a nossa mesquinhez, e tende piedade de nós.

27.º Domingo comum

1. Senhor! Tudo é puro, o que sai das vossas mãos: puro o homem, puro o amor, pura a união conjugal. Porque tantas vezes escravizamos a criação aos nossos apetites e nos esquecemos de que fomos nós mesmos criados à vossa imagem e semelhança... nós Vos suplicamos: tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Nós que nos envergonhamos da nossa família e da nossa Pátria, só porque alguns dos nossos irmãos se comportam como pobres..., como temos a aprender de Vós que, sendo Deus, Vos não envergonhastes de nos chamar vossos irmãos! Nós Vos suplicamos: tende piedade de nós.

3. Senhor! Andam as nossas famílias destruídas, anda o coração dos filhos destroçado, porque, pela dureza do seu coração, os cristãos não realizam a unidade matrimonial segundo a prescrição do princípio para todos os homens. Nós Vos suplicamos: tende piedade de nós.

28.º Domingo comum

1. Senhor! Vós ensinai e nós compreendemos que a sabedoria dos que a colhem a vossa Palavra é mais importante do que a beleza, a ciência, ou a própria saúde. Mas quantas vezes, na febre de viver o momento presente, não damos o devido apreço aos valores eternos. Tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Não há criatura alguma que possa esquivar-se ao vosso olhar, e nada estará oculto no dia em que formos chamados a prestar-Vos contas. Mas quantas vezes nos esquecemos de que estais em nós, e desviamos de Vós o nosso olhar. Tende piedade de nós.

3. Senhor! Vós ensinai, e nós acreditamos, que é difícil para os ricos e para os que o querem ser a entrada no Reino dos Céus. Mas quantos de nós, nesta sociedade de consumo, queimamos as nossas energias e destruimos a paz dos nossos corações na busca de bens materiais e na cobiça das riquezas alheias! Tende piedade de nós.

29.º Domingo comum

1. Por mais forte que seja a nossa fé, punge-nos o mistério da dor, toda a vez que nos encontramos com o sofrimento do fraco, da criança, do justo. Amparai-nos, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Pela entrega total da vossa Vida nas mãos do Pai, Vós fostes constituído a vítima do Sacrifício que nos salva, nosso Sumo Sacerdote, Aquele que realiza em plenitude o mistério da Redenção que não dispensa a imolação da Vida. Amparai-nos, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Tal como os filhos de Zebedeu, passamos a nossa vida a fazer-Vos pedidos e promessas, para que sejais Vós a fazer a nossa vontade, pois temos medo de nos entregarmos à Vossa. Amparai-nos, e tende piedade de nós.

30.º Domingo comum

1. Senhor! Como é belo cantar os vossos louvores diante dos homens, e proclamar, com alegria, que a salvação nos vem de Vós! Mas nós andamos inseguros, cedemos ao respeito humano e não cantamos os vossos louvores. Tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Como foi viva em Vós a consciência de que recebestes do Pai a missão de ser sacerdote, sacerdote para sempre! Mas aqueles que hoje são chamados têm medo de proclamar a sua vocação e preferem misturar-se com a massa do povo para não terem que suportar o peso do seu bastão de pastores. Dai-nos profetas, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Tantos cegos de Jericó à beira dos caminhos, abandonados, esperando alguém que os conduza até Vós! Mas são tão poucos e tão hesitantes os que ouvem o Vosso apelo para irem pelo mundo além a anunciar a Boa-Nova! Dai-nos santos missionários, e tende piedade de nós..

31.º Domingo Comum

1. Senhor! Para correspondermos com piedade à vossa bondade de Pai, nós deveríamos ter presente todos os dias o preceito do temor de Deus. Mas nós somos como as crianças que gritam contra o mais pequeno dos sofrimentos, acusando-Vos de nos aterrades com o temor, só para nos desculparmos das nossas faltas de respeito. Perdoai-nos, e tende piedade de nós.

2. Senhor Jesus Cristo! Só Vós sois o Sacerdote santo, inocente e sem mancha que pode salvar-nos definitivamente da solidão e do pecado. Mas nós desculpamo-nos dizendo que não queremos ser nem beatos nem fanáticos, só para não querermos a sério fazer-nos santos e inocentes como Vós. Perdoai-nos, e tende piedade de nós.

3. Senhor! Vós ensinai que o amor é mais importante do que as suas manifestações exteriores, mesmo que sejam os holocaustos e os sacrifícios. Mas nós, incapazes de nos entregarmos totalmente aos irmãos, vamos tentando iludir-nos com uns gestos de fachada que fazem de cada um de nós autênticos sepulcros caiados. Perdoai-nos e tende piedade de nós.

LUCIANO GUERRA

O Salmo Responsorial

Na continuação do que ficou já no número anterior (BPL, n.º 1, p. 19-22), apresentam-se hoje os restantes *refrães* e *salmos comuns* para os *Domingos do Tempo Comum* (portanto até ao fim do ano litúrgico).

Estes *refrães* e *salmos* correspondem aos que vêm indicados no princípio dos três fascículos do *Leccionário Ano B* para o *Tempo Comum*.

A proclamação do *Salmo responsorial* supõe evidentemente a presença do *salmista*, um cantor capaz de cantar *a solo* os versículos do salmo proposto. O *salmista* é *ministro da palavra*, tal como o leitor, mas com exigências especiais: saber cantar, e saber cantar um salmo. Deve ser capaz de ter presença para poder imprimir ao canto do salmo clareza, serenidade, simplicidade. Terá a preocupação de se fazer entender; para isso há-de ler (cantar) bem. Procurará criar ambiente de oração; para tanto será antes alguém que reza (cantando) à frente dos outros, do que alguém que mais pretenda apresentar-se como solista de concerto. Pode ser ele próprio a dirigir, discretamente, a assembleia, para que esta intervenha com o *refrão*.

O *Salmo responsorial* deve ser um *tempo de oração*, calmo, interiorizante, contemplativo, mas seguindo a orientação de cada salmo.

Se, em vez dos *Salmos comuns* aqui apresentados, se preferir cantar o Salmo próprio do Domingo e não se tiver o *refrão* próprio, pode escolher-se dentre os *refrães comuns* o que mais condiga com o género do salmo.

Refrões comuns

a) com salmos de louvor:

M. Luis

Refrão *solene*

A-ela-mai o Se-nhor, pois É-lei bom! A-da-mai o Se-nhor, pois É-lei bom!

Salmo

M. Luis

Refrão

Nós Vos a-la-ma-mos, Senhor, por Vos-sas o-bras admi-ra-véis! Nós Vos a-la-ma-mos, Senhor!

Salmo

M. Luis

Refrão *Festivo, com nobreza*

Cantai ao Senhor um câ-n-ti-co no-no! Cantai ao Senhor!

Salmo

b) Com salmos de súplica:

J. Kovais

Refrão

O Se-nhor está perto de quem O in-vo-ca! O Se-nhor está perto de quem O in-vo-ca!

Salmo

M. Luis

Refrão

Se-nhor, sois um Deus ex-men-te, sois um Deus ex-men-te e compas-si-vo!

Salmo

Salmos comuns

Podem cantar-se nos Domingos comuns, em vez do salmo indicado para cada dia.

1. Salmo 18 (19)

Refrão *J. Morais*

Se-nhor, fôz tem-des pa-la-ras de in-da-i-ter-na!

Salmo

2. Salmo 26 (27)

Refrão *J. Morais*

Se-nhor me i-lu-mi-na e me sal-va!

Salmo

3. Salmo 33 (34)

Refrão *M. Luis*

Em to-dos os mo-men-tos ben-di-ni o Se-nhor.

Salmo

Refrão *M. Luis*

Pro-va-i e ve-de co-mo o Se-nhor é bom!

Salmo

4. Salmo 62 (63)

M. Luis

Refrão

A minha alma tem se- de de Ti, meu Deus! A minha alma tem se- de de Ti, meu Deus!

Salmo

5. Salmo 94 (95)

M. Luis

Refrão

Ho- je se- re- eu- tar- dos os ossos do Se- nhor, não se- chei os vos- sos co- ra- ções; não se- chei os vos- sos co- ra- ções.

Salmo

6. Salmo 99 (100)

M. Luís

Refrão

Nós so- mos o Po- ro de Deus, so- mos as o- re- lhas do Seu re- ba- nho! Nós so- mos o Po- ro de Deus!

Salmo

7. Salmo 102 (103)

O refrão e a melodia para este salmo encontram-se atrás, entre os refrões comuns, p. 31: «Senhor, sois um Deus clemente...».

8. Salmo 144 (145)

M. Lúis

Refrão *Com moderação*

re-mos com a-le-gri-a pa-ra a ca-sa do Se-nhor. re-mos com a-le-gri-a pa-ra a ca-sa do Se-nhor.

Salmo

9. Salmo 121 (122)

M. Lúis

Refrão

Lou-ra-rei pa-ra sempre o vosso no-me, Se-nhor, meu Deus e meu Rei!

Salmo

Noticiário

II ENCONTRO NACIONAL DE PASTORAL LITURGICA

Em continuidade com o Encontro do ano passado, vai realizar-se também este ano, no Santuário de Fátima, dos dias 20, à noite, a 24, ao meio dia, de Setembro, o II Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, promovido pelo Secretariado Nacional de Liturgia. O tema será a *Celebração litúrgica*.

Serão tratados os aspectos seguintes:

- 1 — *Celebração na sociedade humana: aspectos sociológicos*
- 2 — *Celebração na Bíblia: vários tipos de celebração*
- 3 — *Celebração ao longo da vida da Igreja: aspectos históricos*
- 4 — *Originalidade da celebração litúrgica: reflexão teológica*
- 5 — *O canto como sinal e expressão na celebração litúrgica*
- 6 — *Celebração litúrgica e participação*
- 7 — *Cânticos, música e instrumentos musicais na celebração*
- 8 — *Crítérios de selecção de melodias litúrgicas*
- 9 — *Construção de uma celebração concreta segundo vários tipos de assembleia (trabalho prático)*
- 10 — *Conclusões e perspectivas*

O Encontro destina-se a todos os cristãos (padres, religiosos, leigos) que tenham interesse em rever e aprofundar a celebração litúrgica. Destina-se particularmente àqueles que participam mais activamente nas celebrações litúrgicas ou assumiram qualquer responsabilidade no campo da Pastoral litúrgica a qualquer nível: local, paroquial ou diocesano.

A inscrição deverá ser feita no Secretariado Nacional de Liturgia, — Seminário de Aveiro-Aveiro (Tel.: 034/22172), até ao dia 8 de Setembro.

O preço da inscrição é de 250\$00. Se precisar de se hospedar durante os quatro dias e se a hospedagem ficar a cargo da organização, deverá contar com uma despesa adicional de 600\$00 para hospedagem completa (dormida e refeições) ou de 700\$00, para hospedagem completa com quarto individual.

ENCONTRO EUROPEU DE LITURGIA

entrevista com A. Ramos

Soubemos que, de 20 a 23 de Junho, participou pela segunda vez no encontro europeu de secretários nacionais de Lirtugia. Cremos que se trata de um acontecimento de interesse para os nossos leitores e até para todo o País. Desejamos, por isso, fazer-lhe algumas perguntas, esperando que as suas respostas possam contribuir para situar melhor o encontro europeu no contexto pastoral e litúrgico da Igreja na Europa após dez anos de reforma conciliar.

C. V. — *Onde se realizou este encontro europeu?*

R. — Em Innsbruck, capital do Tirol austríaco, situada mesmo no interior da cadeia dos Alpes, mundialmente famosa pelos Jogos Olímpicos de Inverno nela efectuados em 1964 e em 1976.

C. V. — *Teve algum significado a escolha de Innsbruck para a realização do encontro?*

R. — A escolha desta linda cidade tirolesa não teve qualquer significado, até porque o projecto inicial era Salzburgo e não Innsbruck.

Mas a escolha da Áustria para lugar do encontro já teve um objectivo. É que, sendo este encontro europeu, são convidados representantes de todos os países da Europa, inclusive de Leste. Ora os países de Leste, como sabe, têm regimes comunistas, e até nisto se nota a falta de verdadeira liberdade — religiosa, também — de tais regimes. Assim as deslocções ao estrangeiro são devidamente controladas e reduzidas à expressão mais simples para quem não oferecer garantias de confiança política. Daí termos escolhido um país neutral em relação aos dois grandes blocos europeus. Mesmo assim, fomos mal sucedidos porque só pudemos contar com a participação de dois representantes do Leste europeu, por sinal, dois jugoslavos: um da Croácia e outro da Eslovénia.

C. V. — *Qual foi a temática do encontro?*

R. — O encontro tratou de dois temas aparentemente muito simples: *celebração litúrgica e formação litúrgica*.

Cada participante descreveu a situação do seu país quanto à celebração e à formação litúrgica, apresentando sobretudo os aspectos da acção litúrgica que deveriam ser aprofundados hoje em dia, e os problemas levantados pela liturgia da Palavra, pela presidência da Eucaristia, pelo lugar da celebração, pela música litúrgica, etc.

Foi também focada a problemática da formação litúrgica dos padres, das equipas litúrgicas, dos grupos corais e das assembleias, desde os objectivos a atingir aos meios a utilizar.

C. V. — *São intervieram nas sessões de trabalho os secretários nacionais de Liturgia?*

R. — Estavam incluídos no programa dois grande especialistas nesta matéria: o P. Gelineau, conhecido jesuíta francês, e o alemão Günter Duffrer, professor do Seminário de Mayence.

O professor Günter Duffrer não pôde comparecer pessoalmente por motivos familiares, mas mandou o texto do trabalho sobre a formação litúrgica que lhe fora confiado.

O P. Gelineau que, além de perito em Liturgia, tem grande experiência musical e litúrgica, desenvolveu o tema da celebração litúrgica em 1976, focando em particular a Palavra, os Símbolos e a Comunidade. Este trabalho, que foi objecto de amplo debate, valorizou extraordinariamente o nosso encontro. É, de resto, uma síntese feliz do seu último livro — *Demain la Liturgie* —, que vale a pena ler pelas reflexões que faz e pelos problemas que põe.

C. V. — *Os trabalhos do encontro tiveram mais alguma nota digna de registo?*

R. — Com certeza. O *bureau* permanente destes encontros europeus terminava este ano o seu mandato de três anos. Todos os seus membros estavam, pois, demissionários. O presidente, P. Mathia Schiltz, do Luxemburgo, indigitou o secretário, P. André Haquin para seu sucessor, e a assembleia aprovou por aclamação. Ainda por proposta do antigo presidente e com a aprovação geral dos participantes (com uma única excepção, claro), Portugal ficou a fazer parte do novo *bureau*, em representação do sul da Europa. Foi uma distinção que não podia deixar de me sensibilizar profundamente e que traduz o interesse dos secretários nacionais europeus pela Igreja no nosso País.

C. V. — *Não me diga que, participando num encontro europeu e estando numa zona turística de fama mundial, não houve lugar para um pouco de turismo...*

R. — Naturalmente. A tarde do dia 22 foi dedicada efectivamente ao convívio dos participantes. Por volta do meio dia, fomos de caravana automóvel em direcção à fronteira italiana, através da garganta de Brenner, penetrámos nos Alpes italianos e regressámos aos Alpes austríacos pela fronteira de Timmelsjchs, a 2 509 metros de altitude, admirando a sucessão impressionante dos píncaros onde, apesar do calor, o gelo abundava, e ainda as características povoações de S. Leonardo, de Hochgurgl, Sölden, Langenfeld e Oetz. Já na diocese de Innsbruck e a 35 km. da sede, visitámos a abadia cisterciense de Stamz e a sua igreja barroca, tendo apreciado a talha dourada dos altares, as cores vivas dos frescos da abóbada, os finos trabalhos de estuque e a simplicidade das paredes laterais. Não esquecerei mais pela vida fora este passeio aos Alpes.

C. V. — *Tem mais algum pormenor que valha a pena mencionar?*

R. — Antes de terminar, queria referir um episódio do encontro que me parece muito significativo e que, para além de mais, me impressionou bastante. Numa das manhãs, fomos celebrar a Eucaristia na cripta da igreja dos jesuítas, onde se encontra sepultado o Padre J. A. Jungmann, S. J., liturgista conhecido em todos os países católicos especialmente pela sua famosa obra «Missarum Sollemnia». Trata-se efectivamente de um valioso tratado histórico-litúrgico da Missa, escrito durante a última Grande Guerra, em circunstâncias particularmente difíceis. As sucessivas edições em língua alemã e a tradução em várias línguas europeias demonstram claramente o valor e a projecção desta obra que ficou clássica e que, sem deixar de ser rigorosamente científica, já denota relevantes preocupações pastorais.

MISSAL DE MATEUS. Manuscrito 1 000 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga. Introdução, Leitura e notas de Joaquim O. Bragança. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1975

Não dispõe o nosso Boletim, por enquanto, de uma secção bibliográfica, mas nem por isso se dispensa de apresentar aos seus leitores este magnífico trabalho.

Como se refere na introdução, o manuscrito 1 000 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga chama-se *Missal de Mateus* por se encontrar desde o séc. xv pelo menos na paróquia de S. Martinho de Mateus, do concelho e diocese de Vila Real, até ser adquirido recentemente pela Biblioteca de Braga.

Não deixa de ser significativo referir que só se tornou conhecido a partir do Congresso litúrgico de Vila Real, realizado de 17 a 19 de Junho de 1926, por uma entrevista concedida pelo grande pioneiro do movimento litúrgico em Portugal, Mons. Pereira dos Reis, ao diário católico «Novidades».

O Prof. Pierre David, da Universidade de Coimbra, fez o primeiro estudo científico de natureza histórica do manuscrito em 1944.

Em Junho de 1962, o Dr. Joaquim Bragança, que é professor na Universidade Católica Portuguesa, apresentou ao Instituto Superior de Liturgia de Paris uma tese intitulada *La Vigile Pascale du Missel de Mateus*, que teve por objecto principal o estudo da liturgia baptismal dos dois rituais de baptismo aí inseridos.

Sendo este manuscrito uma das principais fontes de tradições religiosas nacionais e das relações culturais entre Portugal e a França no séc. xii, melhor se compreende o seu alto valor científico e a benevolência da Fundação Gulbenkian em patrocinar a sua edição crítica.

Este trabalho, que apresenta uma introdução de 44 páginas, 707 páginas de texto e 40 de índices, é fruto de 15 anos de paciente investigação e honra sobremaneira a cultura litúrgica nacional.

Documentação de 10 anos de Reforma Litúrgica — ENCHIRIDION DOCUMENTORUM INSTAURATIONIS LITURGICAE

Ao fim de 10 anos de reforma litúrgica, em que se deram modificações profundas e aceleradas, torna-se cada vez mais difícil estudar e mesmo descobrir os documentos oficiais que procuraram dar seguimento às deliberações, normas e votos conciliares.

Para ajudar a preencher esta grave lacuna, o Padre Kaczynski, da Sagrada Congregação do Culto Divino, publicou um volume de 1 222 páginas, 223 das quais são reservadas ao seu precioso índice analítico.

Aí podemos encontrar, no texto original, todos os documentos concernentes à reforma litúrgica no decénio que vai de 1963 a 1973,

desde a Constituição «Sacrosanctum Concilium» até ao «Ordo Paenitentiae». São ao todo 180 textos que estão agora ao alcance de qualquer estudioso ou simples interessado.

Acresce ainda que em cada documento se indicam as respectivas edições e comentários nas diversas línguas.

Pela sua inegável oportunidade, pela sua criteriosa arrumação, pela falta de uma colecção completa da documentação litúrgica do pós-concílio, este volume torna-se indispensável em todas as bibliotecas que pretendam estar actualizadas em matéria religiosa.